

Um *pedaço* sem a festa: retiro zen budista no carnaval

José Guilherme Cantor Magnani

Em uma das três semanas emblemáticas do Brasil, segundo o antropólogo carioca Roberto da Matta, o carnaval, marcado pelo arquétipo do “malandro” – as outras duas são a Semana Santa (dos “renunciadores”) e a Semana da Pátria (dos “heróis) – 94 pessoas em Viamão (RS), de 2 a 9 de março de 2019, inverteram essa lógica.

No Vila Zen, monges com anos de prática ao lado de iniciantes optaram por um encontro denominado *sesshin*, dedicando-se à meditação (*zazen*), trabalho manual coletivo (*samu*), refeições rituais (com *orioki*) e cerimônias diversas, entremeadas pela saudação palma com palma (*gasshô*). Trata-se de uma atividade da tradição “soto zen”, uma das escolas budistas de ascendência japonesa – daí as denominações acima.

No entanto, um dos propósitos sempre ressaltado era o de aclimatar essas práticas a um suposto “estilo brasileiro”, pois historicamente o budismo, à medida que sai da Índia e migra para a China, Japão, Tibete etc. incorpora-se às suas culturas. No nosso caso, ainda se está longe desse ideal mas, para dar um exemplo circulavam, discretamente, cuias de chimarrão compartilhadas por alguns participantes – gaúchos, catarinenses, paranaenses e até *hermanos* uruguaios vindos de Montevideú; costume pouco familiar, porém, a brasilienses, cariocas, mineiros e paulistas que lá estavam.

Se esse retiro pode ser considerado uma inversão da lógica, não significa que o carnaval deva ser evitado ou não tenha relevância: aliás, muita, levando-se em conta o que representou na atual conjuntura política do país. Segundo o zen, cada uma das diferentes opções tem sua importância. Ou nenhuma.